

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE  
COOPERATIVAS**

**EDUCAÇÃO COOPERATIVA E AÇÃO SOCIAL:  
O CASO DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA**

**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO  
ARTIGO CIENTÍFICO**

**Amábile Tolio Boessio**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

# **EDUCAÇÃO COOPERATIVA E AÇÃO SOCIAL: O CASO DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA**

**Amábile Tolio Boessio**

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Tecnóloga em Gestão de Cooperativas.**

**Orientador: Prof. Gilmar Wakulicz**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Colégio Politécnico da UFSM  
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Artigo Científico**

**EDUCAÇÃO COOPERATIVA E AÇÃO SOCIAL:  
O CASO DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA**

elaborado por  
**Amábile Tolio Boessio**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Tecnóloga em Gestão de Cooperativas**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Gilmar Wakulicz**  
(Orientador)

**Santa Maria, de janeiro de 2013.**

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.*

(Paulo Freire)

*“Motivados pelo trabalho, educação, união e cooperação estamos fazendo acontecer um mundo novo com escolhas e ideias novas”.*

(Lucas, COOPERUNIÃO)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Educação e Cooperativismo.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 O Programa A União Faz a Vida.....</b>	<b>15</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>20</b>
<b>4.1 O Programa A União Faz a Vida na Escola.....</b>	<b>21</b>
<b>4.2 Direção e Professores.....</b>	<b>24</b>
<b>4.3 Amigos e Funcionários.....</b>	<b>27</b>
<b>4.4 Alunos.....</b>	<b>29</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

# **EDUCAÇÃO COOPERATIVA E AÇÃO SOCIAL: O CASO DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA**

**Amábile Tolio Boessio<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O estudo apresenta como objetivo analisar a fidelidade nos resultados e práticas do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa em São Sepé/RS, em relação aos objetivos propostos pelo mesmo. A escola é participante do programa de educação cooperativa A União Faz a Vida, idealizado e gerido pelo Sicredi - Sistema de Crédito Cooperativo e no município de São Sepé, apoiado pela Cotrisel - Cooperativa Tritícola Sepeense Ltda. e Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A metodologia utilizada tem como base a pesquisa exploratória, sendo um estudo de caso com caráter qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados foram: coleta documental, observação, entrevista e questionários abertos, sendo que a pesquisa foi realizada com alunos, diretoras, professores, amigos e funcionários da escola. A partir da análise dos resultados pode-se confirmar a fidelidade dos resultados e práticas do Programa na escola evidenciando que é possível através da educação cooperativa construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania.

**Palavras-chave:** Educação cooperativa. Educação. Cooperação.

## **INTRODUÇÃO**

O ato de cooperar está presente entre nós desde os tempos mais remotos, arraigado no nosso processo histórico. As civilizações primitivas utilizavam a prática da cooperação como base para a sobrevivência. A cooperação é algo que pode ser considerada intrínseca às

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas (UFSM) - amabiletolio@hotmail.com

características dos seres humanos, pois os homens não são capazes de viver isolados, ou seja, necessitam de ajuda mútua para os afazeres mais simples do dia-a-dia, precisam da cooperação para que possam exercer os valores da cidadania.

O cooperativismo ganhou destaque a partir de Rochdale, uma sociedade formada por 28 tecelões que buscava solucionar problemas vinculados à época da Revolução Industrial e que já se preocupavam com a educação, pois era somente através dela que a sociedade poderia ser transformada. A partir desta sociedade cooperativa, surgiram os princípios cooperativistas. Entre os sete princípios do cooperativismo, destacam-se o quinto princípio que é Educação, capacitação e informação e o sétimo que é Interesse pela comunidade.

O cenário mundial, baseado nos moldes capitalistas, influencia uma cultura individualista em função da competitividade onde é extremamente difícil desenvolver uma cultura coletiva, embora ela esteja vinculada ao nosso processo evolutivo histórico. Com isso entende-se que a educação está atrelada neste contexto mundial, pois não há como fazê-la de forma desligada do cenário onde se vive.

A educação que se tem presente neste contexto, é uma educação individualista, que visa intensificar a competição acirrada entre os seres, uma educação que pouco se preocupa em mostrar o valor que o ser humano tem, uma educação que se mantém longe da formação de sujeitos partícipes e críticos, sujeitos estes, que realmente entendam o seu papel na sociedade. Entretanto, a educação para a cooperação torna-se um desafio, pois é necessário estimular e entusiasmar a cooperação neste cenário competitivo.

Nesse sentido entende-se que não nasce um sujeito cooperador em um cenário individualista e competitivo, por isso existe a necessidade de intervir na educação desses sujeitos através de ações que desenvolvam além de finalidades educacionais, características empreendedoras, de liderança, de trabalho comunitário, de respeito mútuo, de solidariedade e de autonomia entre outros atributos que possam desenvolver uma consciência crítica e social efetiva.

O processo educacional atual enfrenta diversas dificuldades, pois em grande parte não leva em consideração a realidade social, política e econômica ao qual está inserida, o que torna ineficaz a socialização e a articulação das crianças e adolescentes com suas famílias e comunidade a que pertencem, impossibilitando melhorias, transformação e emancipação local.

A comunidade onde a escola está inserida necessita de resultados efetivos que valorizem a cultura local, levando em conta a sua trajetória histórica e sua cultura adaptando conhecimento universal ao local. Não se pode deixar de lado também a importância da aplicabilidade dos conteúdos que abrangem o currículo tradicional.

Para isso, são necessárias práticas diferenciadas no processo educacional dos sujeitos, porém inovações educacionais não dependem apenas das mudanças curriculares e de didática, mas muito mais incluir ações que auxiliem os sujeitos a terem uma visão crítica do mundo, pois não pode haver neutralidade da educação e da escola diante do descompromisso político e social deste tema, bem como este compromisso com a educação também deve ser latente em sociedades cooperativas.

Com esta preocupação, tanto com a educação como com a sociedade, é que o Sicredi – Sistema de Crédito Cooperativo – vem fortalecendo ações que auxiliam na formação de sujeitos ativos na sociedade.

É objeto deste estudo o Programa A União Faz a Vida, um programa de educação cooperativista de uma cooperativa de crédito, o Sicredi, que objetiva “construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional”. (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p. 7).

Esse Programa de educação cooperativa tem como foco principal crianças e adolescentes de comunidades onde o Sicredi atua. A metodologia utilizada para desenvolver o Programa envolve desde os professores, alunos, pais e todos que fazem parte da comunidade onde a escola está inserida, assim como torna as práticas cooperativas presentes em todas as atividades desenvolvidas na escola, estimulando cooperação e cidadania em todos os envolvidos.

Através de práticas educativas e cooperativas, procura-se estimular a responsabilidade social dos seus atores, especialmente, alunos e professores das escolas. (...) O sentido da educação pela cooperação, nas escolas, a sua dimensão pedagógica, é a formação de atores sociais, sujeitos construtores de uma sociedade democrática, isto é, livre, participativa e justa. (FRANTZ, 2001, p. 247).

Diante do exposto surge uma questão: É possível através da educação cooperativa construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania?

Para responder a essa questão o estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, localizada no município de São Sepé, na região central do estado do Rio Grande do Sul. A escola é participante do programa de educação cooperativa A União Faz a Vida, idealizado e gerido pelo Sicredi - Sistema de Crédito Cooperativo no município de São Sepé, apoiado pela Cotrisel - Cooperativa Tritícola Sepeense Ltda. e pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Sepé/RS.

Com isso, o objetivo deste estudo é analisar a fidelidade nos resultados e práticas do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa em São Sepé/RS, em relação aos objetivos propostos pelo mesmo.

Diante disso, ressalta-se a relevância deste tema frente à importância da cooperação para a formação de jovens mais responsáveis socialmente, bem como a preocupação das cooperativas em proporcionar ferramentas que auxiliem nos processos educativos que formem esses jovens.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Educação e Cooperativismo

Antes mesmo de Rochdale os precursores do pensamento cooperativo, os chamados socialistas utópicos, tais como Owen, Fourier e Blanc, procuravam uma solução para os problemas observados na realidade em que viviam. O cenário era o da Revolução Industrial, onde os trabalhadores não tinham direitos, trabalhavam em locais insalubres, com os salários que ganhavam mal conseguiam adquirir o básico para sobrevivência e também não tinham nenhum acesso à educação. (PINHO, 1982).

Diante disso, observa-se que a preocupação com a sociedade, bem como, com a educação da mesma é uma inquietação que existe desde antes do surgimento do chamado Movimento Cooperativista. Para Schneider e Hedges (2006, p. 34) “se pudéssemos conceituar o Movimento cooperativo em apenas uma palavra, diríamos **solidariedade**”.

Segundo Bialoskorski Neto (2012, p. 11) “a organização cooperativa é caracterizada por princípios discutidos pelos socialistas utópicos associacionistas, influenciados também pelo pensamento da época, em que o ideário da fraternidade, da igualdade, de liberdade e da solidariedade são colocados de modo muito nítido”.

Até 1937 os princípios utilizados pelo Movimento Cooperativista, eram os princípios formulados pelos Pioneiros de Rochdale, quando esses foram reformulados na realização do XV Congresso da Aliança Cooperativa Internacional - ACI. (SCHNEIDER; HENDGES, 2006). Em 1995 no Congresso Centenário da ACI, ao serem reafirmados os valores do cooperativismo, de ajuda mútua, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, foram rediscutidos os princípios cooperativistas, onde foram fixados os sete princípios seguidos até hoje. (BIALOSKORSKI NETO, 2012).

Dentre os sete princípios doutrinários do cooperativismo, os dois mais relevantes para este estudo são: o quinto que é Educação, treinamento e informação e o sétimo que é Preocupação com a comunidade.

Segundo Bialoskorski Neto (2012) no quinto princípio, a natureza e os benefícios do cooperativismo, além dos associados, dos representantes eleitos, dos executivos e empregados da cooperativa, devem estender-se ao público, em especial aos jovens e aos líderes da comunidade. Para Schneider e Hendges (2006) o princípio da educação identifica-se como a “regra de ouro”, a educação sempre foi um compromisso das cooperativas, sempre esteve presente na relação dos princípios doutrinários desde o início do Movimento Cooperativista.

O princípio do Interesse pela comunidade, como diz no próprio nome, relaciona-se com a comunidade, as cooperativas precisam considerar o espaço físico onde estão inseridas, priorizando um bom relacionamento e envolvimento com a comunidade do local. (SCHNEIDER; HENDGES, 2006).

É na união do quinto e do sétimo princípios que surge a perspectiva da educação cooperativista voltada para a comunidade onde a cooperativa está inserida, educação esta que necessita estar entrelaçada aos valores cooperativistas, como ajuda mútua, solidariedade e outros que remetem à responsabilidade social. Neste sentido não há como obter sucesso nesse processo, sem que os investimentos sejam realizados na juventude da comunidade.

O futuro é algo que depende do que fazemos no hoje, é com essa visão que vem crescendo no cooperativismo a preocupação no que diz respeito aos jovens, principalmente quando se vê uma sociedade individualista e pouco consciente de seu papel no mundo. Para

Rodrigues (2008, p. 40) “uma das nossas tarefas mais importantes deve ser ensinar o amor coletivo à juventude para torná-los partícipes na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. E guardiões dos valores cooperativos”.

Nesse sentido é que o cooperativismo tem um papel fundamental na sociedade atual, dessa forma, as cooperativas tornam-se cada vez mais presentes em ações sociais que fomentam o desenvolvimento social em setores marginalizados da sociedade. Segundo Schneider *et al.* (2010) em uma sociedade como a nossa, individualista, competitiva e eficientista, é preciso que a educação cooperativista tenha de forma clara o tipo de homem e de sociedade que objetiva formar. O autor diz ainda:

[...] que a educação cooperativista, antes de preocupar-se com a oportunização de estímulos que valorizem os procedimentos organizacionais e produtivistas, bem como as técnicas indispensáveis para uma boa atividade cooperativa, concentre-se primordialmente na formação de pessoas solidárias, democráticas, capazes de autoajudar-se na base da entreajuda, capazes enfim de situar o interesse do grupo pelo menos no mesmo nível de importância dos interesses individual e familiar. (SCHNEIDER *et al.* 2010 p. 32).

Segundo Valadares (2009 apud SOUSA *et al.*, 2010, p. 205), “a educação cooperativista é o processo e o método para formular e executar políticas de educação e comunicação ligadas à prática da cooperação. Tem como fundamento que este conceito não se limita, apenas, a pregar a doutrina e defender os princípios cooperativistas”.

O conceito de educação cooperativa para Schneider *et al.* (2010) pode ser entendido como um conjunto de ensinamentos que além de proporcionar e contribuir culturalmente com os envolvidos, trabalha valores, princípios do cooperativismo, uma educação que se volta para o desenvolvimento do ser humano.

[...] a educação cooperativa se caracteriza por enfatizar os valores humanos e por pretender sensibilizar em prol de tudo o que promove o ser humano, e hoje também em prol do respeito ao meio ambiente, inserido numa visão e numa responsabilidade simultaneamente locais e globais. (SCHNEIDER *et al.*, 2010, p.43).

A educação cooperativa é algo muito amplo, não se concentra apenas em associados, funcionários ou à família dos associados, é um compromisso social, tem a responsabilidade de levar para a sociedade ferramentas que auxiliem no processo educacional, que proporcione para crianças e adolescentes uma educação mais participativa, para que quando adultos sejam mais críticos e partícipes de sua própria realidade.

No ponto de vista de Schneider e Hendges (2006) a educação cooperativa não deve ser dirigida somente para o foco institucional, é importante que ela seja dirigida também para a sociedade como um todo, assim, as cooperativas devem manter seus objetivos alinhados aos objetivos da sociedade.

O futuro não só do cooperativismo, mas do mundo em que se vive, estará nas mãos dos jovens do hoje, para Rodrigues (2008, p. 329) “[...] sem juventude, não há futuro. Sem jovens no cooperativismo, algum dia, não haverá mais cooperativismo. Portanto, nada mais evidente do que a necessidade de trazer os jovens para dentro do movimento, intensamente”.

Segundo Oliveira (2005) Freinet buscou formar a criança no homem do amanhã, no seu entender, o educando não deve ser entendido como apenas um expectador do processo de ensino-aprendizagem, “as crianças, adolescentes e jovens de uma sociedade, de uma cidade, nunca serão o futuro se não participarem do presente”. (MUÑOZ, 2004, p.38).

Para que se tenha uma sociedade mais igualitária, justa e cooperativa no futuro, é preciso que os sujeitos consigam contribuir efetivamente nessa transformação, Oliveira (2005) traz que para Freinet um dos fatores fundamentais para a educação é a cooperação.

Focalizar um processo de Cooperação é ser como a luz acendida no quarto escuro. É apenas ajudar a iluminar a situação para que cada um descubra seu próprio caminho, dê seus próprios passos e siga na direção de sua própria transformação. (BROTTO, 2012).

É de extrema importância o investimento das cooperativas em programas voltados para a educação, por isso a necessidade das mesmas em entenderem o seu papel e estarem presentes em ambientes escolares, para que possam ser transmitidos os valores do movimento cooperativista para crianças e adolescentes nesses ambientes.

Do ponto de vista de Albuquerque (2003) é importante a transmissão de valores como a dignidade, a solidariedade, a justiça social, o companheirismo, a participação, a transparência e a decência, bem como,

É importante ressaltar que estes valores são relevantes e essenciais para a formação de uma “nova cultura” intelectual e moral do trabalhador de cooperativa. Não se trata de uma moral de conveniência, mas de aspecto importante da formação do caráter que, aliado ao domínio do conhecimento significativo e da consciência política, pode gerar um novo indivíduo, comprometido com a construção de uma nação autônoma e de um mundo mais justo. (ALBUQUERQUE, 2003, p. 29).

Nesta perspectiva Frantz (2001, p. 243) fala que “[...] no processo da educação, podem-se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, podem-se identificar práticas educativas”. Seguindo essa ideia para o autor,

[...] no diálogo da cooperação, cumpre-se a educação, fundada no processo de construção e reconstrução dos diferentes saberes daqueles que participam da organização e das práticas cooperativas. Há, portanto, uma estreita relação entre esses dois fenômenos, entre essas duas práticas sociais: na prática cooperativa, para além de seus propósitos e interesses específicos, produz-se conhecimento, educação e aprendizagem; na prática educativa como processo complexo de relações humanas, encontra-se cooperação. (FRANTZ, 2001, p. 244).

O processo de educação significa mais do que apenas a transmissão de conhecimento, é muito mais do que aprender a ler, escrever ou calcular. A educação deve ter como eixo principal o indivíduo, levar em conta suas habilidades e particularidades que auxiliam este indivíduo a pensar, entender e dialogar, diferentemente da forma tradicional do ensino.

Com o termo “educação” se entende um processo dinâmico que intervém em todas as atividades humanas e é um processo que, centrado sobre a personalidade e sobre as relações interpessoais, realiza em cada pessoa a sua específica personalidade, torna-o participante de modo crítico e criativo do seu contexto cultural e o abre em direção aos horizontes da civilização e da socialização (RIZZI, 1984 apud SCHNEIDER *et al.* 2010, p. 28).

Neste sentido entende-se a necessidade da educação para a transformação de um falso sujeito oprimido em um sujeito partícipe do seu processo histórico, onde este entenda que é parte ativa do meio o qual está inserido e não apenas objeto. Tais ideias coincidem com a percepção Freireana de que:

Os homens ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (FREIRE, 2011, p. 124).

Através desse entendimento de que o sujeito não apenas vive, mas existe, tem-se como primordial entender o contexto onde ele está inserido e através de provocações conscientizá-lo de sua importância como parte ativa de sua realidade. Pode-se então dizer que há a necessidade do processo de empoderamento desses, até então falsos sujeitos.

Segundo Baquero (2012, p. 181) empoderamento na ótica de Freire (1979) “[...] envolve um processo de conscientização, a passagem de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica. [...] A conscientização é um processo de conhecimento que se dá na relação dialética homem-mundo, num ato de ação-reflexão, isto é se dá na práxis”.

Seguindo a percepção Freireana, Baquero (2012, p. 181) mostra que o “[...] empoderamento individual fundado numa percepção crítica sobre a realidade social, é fundamental, mas tal aprendizagem precisa ter relação com a transformação mais ampla da sociedade”. Para que isso aconteça, é necessário percorrer o caminho da educação, uma educação que possa levar à autonomia das pessoas, uma educação que possa permear o ensino escolar no mundo em que se vive.

Nesta perspectiva Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”, tem como eixo principal a ênfase na autonomia do educando, e mostra que é a partir daí que se faz uma educação transformadora e que desenvolve consciência crítica, na visão Freireana, educar exige respeito aos saberes do educando, à realidade em que está inserido bem como às particularidades culturais dos educandos (FREIRE, 2011).

Para este autor a construção do conhecimento, sem que as ideias sejam impostas como certas ou erradas, se da através do diálogo, para Freire (2011) o diálogo não é a simples troca de ideias entre sujeitos, muito menos uma discussão polêmica e agressiva entre indivíduos, bem como não pretende impor verdades, o diálogo é o encontro entre sujeitos com o intuito de refletirem sobre a realidade para a transformação da sociedade.

Na opinião de Santos e Nascimento (2005) não há como remeter no pensamento educação, sem relacioná-la com o dialogar e com trocas mútuas de conhecimento e de aprendizagem. “Dialogar pressupõe escutar, dar atenção à fala do outro como integrante da sua, é pensar no sentido horizontal do diálogo, afastando-se da verticalidade de pensamentos, ideias e ações”. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. [...] Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa”. (FREIRE, 2011, p. 25).

Ao mencionar educação, não há como não pensar em cooperação, pois o processo de educação consiste em troca, educando e educador, escola e comunidade, teoria e prática entre outras ações que simbolizam reciprocidade. “Através da Cooperação no dia a dia da sala de aula, podemos transformar a nossa prática pedagógica e criar um ambiente de mútua ajuda, respeito pelas diferenças e responsabilidade compartilhada”. (BROTTO, 2012). Neste sentido

pode-se dizer que somente existe efetiva educação a partir do momento em que há convívio dos indivíduos em sociedade.

Através de práticas educativas e cooperativas, procura-se estimular a responsabilidade social dos seus atores, especialmente, alunos e professores das escolas. Trata-se, pois, da institucionalização de um processo de produção de conhecimento e de conscientização política, no sentido da construção de novos espaços de vida, a partir de práticas cooperativas, atividades e práticas escolares de educação. O sentido da educação pela cooperação, nas escolas, a sua dimensão pedagógica, é a formação de atores sociais, sujeitos construtores de uma sociedade democrática, isto é, livre, participativa e justa (FRANTZ, 2001 p. 247).

O autor menciona ainda que estes espaços são fundamentais para que aconteçam mudanças e transformações da realidade social onde esses atores estão inseridos. Oliveira (2005, p. 6) menciona Freinet para explicar que a escola deve ser “ativa, dinâmica, aberta ao encontro com a vida, participante e integrada à família e a comunidade. [...] a escola deve ter um clima de respeito e liberdade, é neste espaço que a criança irá interagir, explorar e analisar, como um sujeito ativo do processo.”

Diante disso entende-se que somente haverá verdadeira consciência crítica através de ações que desenvolvam uma educação problematizadora. Segundo Freire (2011, p. 105) “para a educação problematizadora, enquanto um que fazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação”. Ainda segundo o autor, esta educação problematizadora torna tanto educadores quanto educandos sujeitos do próprio processo, superando também a falsa consciência do mundo.

Neste contexto a Equipe Educação e Comunidade do CENPEC (2003), mostra que a aprendizagem acontece na relação entre as pessoas e tem duas dimensões, pessoal e coletiva, bem como é um processo ativo, contínuo e participativo.

Para a Equipe Educação e Comunidade do CENPEC (2003, p. 76) no processo de ensino-aprendizagem,

[...] cabe ao educador criar oportunidades e estratégias que permitam que todos os educandos aprendam, cada qual em seu ritmo, com confiança, sentindo-se constantemente apoiados e incentivados a refletir, a formular questões, a comparar, a propor, a pesquisar, enfim, a construir a própria aprendizagem com orientação segura e com participação dos colegas.

Nesta mesma fonte é enfatizado o papel do educador como sendo o mediador do processo do ensino-aprendizagem, ou seja, ele é um parceiro dos educandos, é quem está

ativamente ligado à construção do conhecimento, ensinando e aprendendo com eles. Assim, é de suma importância que o educador estimule a participação dos educandos, levando a cada um do grupo, assim como o grupo, refletir e desenvolver atitudes de solidariedade e cooperação.

## **2.2 O Programa A União Faz a Vida**

O Programa A União Faz a Vida nasceu em 27 de janeiro de 1994, quando foi aprovado pelo Conselho de Administração da Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul, o cronograma do projeto piloto que seria implantado no município de Santo Cristo, que se localiza hoje na área de atuação da Cooperativa Grande Santa Rosa/ RS. O projeto piloto do Programa tem início no ano de 1995. (GUIA PARA GESTORES – PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA, S/D).

O Sicredi sempre teve latente a preocupação de disseminar informações sobre o cooperativismo. Na década de 80 o país vivia uma instabilidade econômica que acarretou em dificuldades principalmente para as cooperativas, foi aí que o Sicredi decidiu criar materiais que objetivavam a divulgação do cooperativismo para crianças e jovens nas escolas, objetivava-se mostrar o cooperativismo como via para o desenvolvimento. (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008).

De acordo com a mesma fonte, em 1992, dirigentes do Sicredi realizaram visitas à Cooperativas da Argentina e do Uruguai. Nas proximidades de Montevideo no Uruguai, visitaram uma Cooperativa Habitacional onde funcionava também uma Cooperativa Escolar, nesta foram recebidos e guiados pelo presidente que tinha apenas 11 anos, o garoto encantou os dirigentes do Sicredi pela forma como mostrou saber do assunto.

Naquele momento os dirigentes perceberam a necessidade de investir em uma nova cultura sobre cooperação e empreendedorismo. Então em 1993, o Sicredi juntamente com o Centro de Desenvolvimento e Pesquisa sobre Cooperativismo da Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo/ RS - iniciou o desenvolvimento de um programa de educação cooperativa onde através da contratação de especialistas no assunto, foram criadas propostas metodológicas diferenciadas onde o coletivismo e o empreendedorismo seriam os protagonistas, assim substituindo a prática individual.

Reafirmando a missão do Sicredi (2012) “como sistema cooperativo, valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade”, e através da prática do 5º e do 7º princípio do cooperativismo, Educação, formação e informação e Interesse pela comunidade é que se tem a orientação do Programa.

O Programa A União Faz a Vida de acordo com o seu material de apoio, tem como objetivo “construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional”.

Com os três trechos a seguir, retirados da Coleção de Educação Cooperativa (2008), pode-se entender melhor o objetivo do Programa.

É preciso incentivar seriamente a cooperação, o diálogo e o comportamento solidário, especialmente quando se pensa num esforço educacional abrangente que envolve a comunidade, uma educação que investe na formação de consciência coletiva democrática. (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p. 8).

“A cidadania é o valor básico de uma sociedade democrática e deve ser entendida como o pleno exercício de direitos e responsabilidades”. (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p. 9).

[...] educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades. [...] Efetivar a educação integral requer uma prática pedagógica que comprehende o ser humano em sua integralidade, diversidade, universalidade e singularidade. (COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA, 2008, p. 11).

É através dos diferentes padrões de comportamento social, envolvendo diferentes combinações de características e através do trabalho cooperativo que os agentes do Programa, nas suas diferentes responsabilidades, devem adotar atitudes e valores de cooperação e cidadania no seu dia a dia e garantir a construção de uma sociedade mais cooperativa e empreendedora no futuro.

Diante disso torna-se necessária a adesão de apoiadores ao Programa, que tem por finalidade envolver representantes da comunidade na busca de melhores condições para o desenvolvimento dos projetos cooperativos desenvolvidos nas escolas e organizações de cada região.

Abaixo segue uma representação dos agentes do programa:

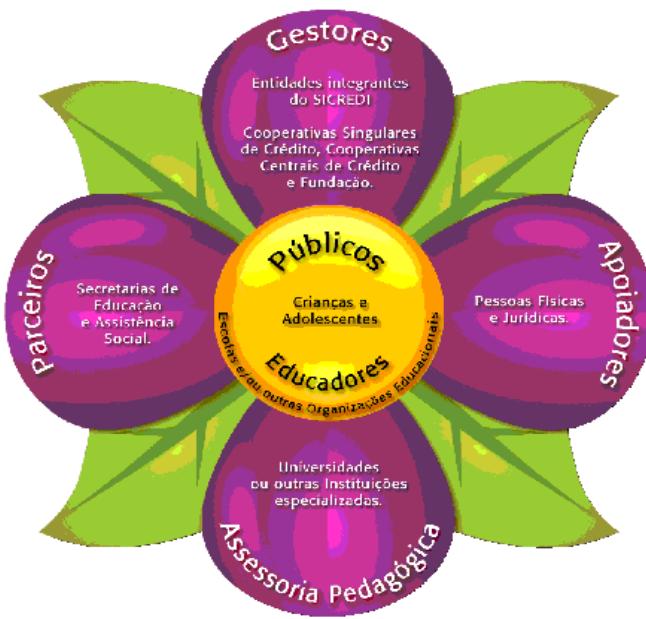


Figura 1 – Rede de cooperação do Programa União Faz a Vida<sup>2</sup>

A figura 1 representa todos os agentes envolvidos com o Programa, nas pétalas estão os gestores, que são as entidades integrantes do Sicredi, os apoiadores e parceiros e ainda a assessoria pedagógica do Programa. No centro da flor estão as crianças e os adolescentes que são o público-alvo, e os seus educadores, pois somente através destes é que será possível atingir de fato o objetivo proposto.

Na implementação do Programa, o mesmo é dividido em três fases: no primeiro ano a articulação, no segundo ano a realização e a partir do terceiro ano o desenvolvimento.

O Guia para gestores do Programa traz a explicação de cada fase citada acima, que segue abaixo:

---

<sup>2</sup> Fonte: A UNIÃO FAZ A VIDA. **Rede de cooperação do Programa União Faz a Vida.** Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.auniaoafazavida.com.br>>. Acesso em: 20 de jun. 2012.

ANO 1	ANO 2	ANO 3 EM DIANTE
<u>ARTICULAÇÃO</u>		
	<u>REALIZAÇÃO</u>	
		<u>DESENVOLVIMENTO</u>

Tabela 1 – Fases do Programa A União Faz a Vida<sup>3</sup>

Na fase de ARTICULAÇÃO, o desafio é sensibilizar os gestores da educação local, Educadores, Pais e Comunidade para o desenvolvimento do Programa.

Já na fase de REALIZAÇÃO são dois desafios, o primeiro é inserir no universo educacional do município as práticas de educação cooperativa através da formação dos educadores. E o segundo, aplicar o Programa nas escolas e organizações e realizar a avaliação.

Por fim na fase de DESENVOLVIMENTO também são dois desafios a serem cumpridos, o primeiro é expandir as práticas de cooperação e cidadania promovendo a realização do Projeto com apoiadores. E o segundo desafio é incorporar na prática das escolas e das organizações educativas a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio do desenvolvimento de Projetos e avaliação do processo e resultado.

De acordo com o material de apoio do Programa, as escolas participantes do Programa necessitam aderir à forma metodológica proposta pelo mesmo, utilizando a metodologia de projetos, pois é através dos projetos que são elaborados os planos para serem realizados durante o ano letivo, os projetos são elaborados e desenvolvidos pelas crianças e adolescentes das escolas, sob a supervisão dos agentes do Programa.

Parte de seu objetivo é educar crianças e adolescentes de forma integral, de acordo com a Coleção de Educação Cooperativa (2008, p. 11) “[...] educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades”.

---

<sup>3</sup> Fonte: FUNDAÇÃO, Sicredi. **Conhecendo o Programa A União Faz a Vida.** v.1. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2008. p.12. 14 p. (Coleção de Educação Cooperativa)

O mascote que representa o programa é uma abelha, pois esta é um símbolo de cooperação e trabalho, assim como as abelhas, “o Programa A União Faz a Vida se estabelece na dimensão nacional, de forma flexível e adaptável às diferentes realidades educacionais e, através dos Projetos desenvolvidos pelas Crianças e Adolescentes, transforma o mundo” (A UNIÃO FAZ A VIDA, 2012).

### **3 METODOLOGIA**

Para a realização do estudo foi adotado um conjunto de procedimentos com o intuito de agregar informações e dados sobre o tema abordado, bem como sobre o objeto do estudo.

O objeto de estudo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, que se localiza na região central do estado do Rio Grande do Sul, no município de São Sepé. A escola é participante do Programa A União Faz a Vida, idealizado e gerido pelo Sicredi - Sistema de Crédito Cooperativo e no município de São Sepé, apoiado pela Cotrisel - Cooperativa Tritícola Sepeense Ltda. e pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Sepé/RS.

De acordo com a abordagem do problema a pesquisa apresenta caráter qualitativo que é utilizado “para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude da sua complexidade. Entre esses problemas podemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos”. (RODRIGUES 2006, p. 90).

A pesquisa tem classificação com base em seus objetivos como pesquisa exploratória, que segundo Gil (1991) proporciona maior familiaridade com o assunto estudado a fim de torná-lo explícito ou a construir hipóteses. O autor ainda afirma que este tipo de pesquisa visa proporcionar o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa classifica-se como um estudo de caso. Para Yin (2001) o estudo de caso é a forma mais adequada de investigação de um

fenômeno contemporâneo dentro da contextualização real, onde não percebemos claramente a limitação entre fenômeno e contexto.

Os instrumentos de coleta de dados foram, coleta documental, observação, entrevista e questionários abertos, sendo que a pesquisa foi realizada com alunos, diretoras, professores, amigos e funcionários da escola.

Para o entendimento do funcionamento do Programa foi utilizado o material disponibilizado pelo Sicredi, a Coleção de Educação Cooperativa e o Guia para gestores do Programa A União Faz a Vida, bem como foi realizada uma entrevista com a Assessora de Assuntos Sociais da Superintendência Regional de Santa Maria do Sicredi.

Na escola foram realizadas visitas para conhecer a escola, para realização das entrevistas com as diretoras e aplicação dos questionários. Foram aplicados questionários diferenciados para cada público, realizou-se entrevista com a direção da escola e com alguns alunos envolvidos diretamente na gestão da Cooperativa Escolar – COOPERUNIÃO – que funciona na escola.

Os questionários aplicados foram abertos e sem identificação dos professores, amigos e funcionários da escola, o questionário aplicado aos alunos também foi aberto porém houve a identificação de cada um. Foram respondidos dois questionários pela direção, representando 100%, seis questionários pelos professores, representando 35,29%, vinte questionários pelos alunos, representando 32,25% dos alunos de 5º, 6º e 7º ano e onze questionários de amigos e funcionários da escola sendo que a escola tem oito funcionários no total e nove motoristas que fazem o transporte da escola.

Da escola foram utilizados arquivos que mostram como foi implementado e desenvolvido o Programa e também o Estatuto Social da Cooperativa Escolar COOPERUNIÃO, para um melhor entendimento.

#### **4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **4.1 O Programa A União Faz a Vida na Escola**

A escola estudada é uma escola rural, Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, localizada em Tupanci, 5º Distrito de São Sepé/RS, fundada no ano de 1961. Hoje a escola conta dezessete professores, oito funcionários, nove motoristas e no ano de 2012 atendia cento e cinquenta e sete alunos, do 1º ao 7º ano do ensino fundamental de 9 anos e 7ª e 8ª série de 8 anos. Os alunos, em grande maioria, são filhos de trabalhadores rurais ou de agricultores familiares da região onde a escola está localizada.

O Programa A União Faz a Vida foi implementado na escola no ano de 2005, onde foi iniciada a fase de ARTICULAÇÃO, foram estabelecidas as parcerias, do Sicredi com a Cotrisel e com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, para que a partir daí fosse possível a sensibilização de educadores, pais, funcionários e demais membros da comunidade. Nesta fase foram realizados encontros com os pais, alunos, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar, com o objetivo de apresentação do Programa e de conscientizá-los da importância do trabalho cooperativo na escola.

A segunda fase, denominada de REALIZAÇÃO, é o momento onde ocorrem as oficinas de formação com os educadores e também o início das atividades metodológicas do Programa com os educandos. Nesta fase foi realizada inicialmente uma Reunião/ Encontro com os pais dos alunos para o esclarecimento da importância da cooperação no dia a dia da escola, bem como, a motivação e o esclarecimento a respeito do funcionamento de uma Cooperativa Escolar. Neste mesmo ano, a escola apresentou o projeto para o ano seguinte. No ano seguinte, iniciou-se a fase DESENVOLVIMENTO, onde foi dada a continuidade das atividades com a utilização do material pedagógico do Programa. Nesta fase do Programa, aconteceu a realização do projeto elaborado no ano anterior na fase de REALIZAÇÃO.

Dando início a este desenvolvimento, houve a chamada e inscrição dos alunos interessados em participar da Cooperativa Escolar, houve também a realização de um concurso na escola para a escolha do nome da Cooperativa, o nome escolhido foi: “Cooperativa Escolar Plantando a União - COOPERUNIÃO”. Posteriormente, foi realizada a Assembléia Geral de Constituição da Cooperativa no dia 2 de julho de 2007, momento este onde foi aprovado o Estatuto Social da COOPERUNIÃO, bem como, a posse da diretoria eleita.

A COOPERUNIÃO, tem por objetivo principal: “unir os alunos deste estabelecimento de ensino educando-os dentro dos princípios do sistema cooperativo, da solidariedade e do auxílio mútuo”. (ESTATUTO DA COOPERUNIÃO, 2007). De acordo com o Estatuto da Cooperativa, podem ser associados alunos, professores e funcionários da escola, porém apenas os alunos podem participar da diretoria, bem como do processo de gestão. Para que o aluno da escola possa ser um associado da Cooperativa, é necessário que este esteja cursando o 5º ano do Ensino Fundamental ou ter 10 anos de idade, embora todos os alunos da escola participem de todas as atividades vinculadas à Cooperativa.

A COOPERUNIÃO é coordenada por duas professoras da escola, possui como parceiros, o Sicredi, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e a EMATER/RS (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e tem como apoiadores, professores e funcionários da escola, motoristas do transporte escolar, a COTRISEL (Cooperativa Tritícola Sepeense Ltda.) e pais e voluntários da comunidade onde a escola está inserida.

A Cooperativa Escolar é um dos projetos desenvolvidos na escola através do Programa. A COOPERUNIÃO juntamente com a disciplina de PIA – Práticas Integradas à Agroecologia, desenvolveu no decorrer dos anos de Programa na escola, diversas atividades como: grupo de danças tradicionais gaúchas, fabricação de doces e biscoitos, preparo de conservas, semeadura de hortaliças e flores, preparação do húmus, confecção de objetos com material reciclado e oficinas de artesanato (biscuit, colagem e pintura em tecido), algumas dessas atividades eram projetos aprovados separadamente da Cooperativa. Em 2012 a Cooperativa juntamente com a PIA proporcionaram para os alunos, através da parceria com a EMATER/RS, um curso sobre o preparo de um sal temperado, que a COOPERUNIÃO passou a comercializar para arrecadar recursos financeiros juntamente com a comercialização do húmus, conservas e doces produzidos pelos associados.

A arrecadação de recursos financeiros da Cooperativa, tem por objetivo, melhorar o espaço físico da escola, adquirir equipamentos para a melhoria do aprendizado dos alunos e proporcionar passeios de lazer e de aprendizado.

Desde a fundação da Cooperativa, essa passou a ser um dos projetos que está ativo até hoje, no ano de 2012 foram aprovados quatro projetos independentes um do outro, que por sua vez permeiam as ações desenvolvidas durante o ano pela Cooperativa. Os projetos aprovados pela Equipe do Programa e pela Cotrisel para serem desenvolvidos durante o ano letivo, com auxílio financeiro, foram: Hora do Conto, Informática, COOPERUNIÃO e Projeto Meio Ambiente.

O projeto “Hora do Conto” tem como público-alvo, da educação infantil ao 4º ano do Ensino Fundamental e por objetivo proporcionar um ensino globalizado e interdisciplinar, envolvendo leitura, interpretação e produção de textos coletivos e individuais. Para a atividade da Hora do Conto, os alunos escolhem através do voto, a história que será contada no dia, e a partir da história é que acontece o desenvolvimento de todo o trabalho pedagógico.

Já, no projeto “Informática” o público-alvo são os alunos do 1º ano à 8ª série, o projeto tem como objetivo melhorar a aprendizagem escolar através do conhecimento das ferramentas de trabalho e uso das tecnologias de informação e comunicação. O monitor deste projeto é um motorista do transporte escolar, que é voluntário para a realização do projeto.

O projeto “COOPERUNIÃO”, que visa o fortalecimento do trabalho em equipe e busca despertar os valores de empreendedorismo, cooperação e cidadania em suas atividades, tem como público-alvo os alunos do 5º ano até a 8ª série. No decorrer do ano, por meio deste projeto, foi construída a estufa que abriga a produção de hortaliças utilizadas na merenda escolar, bem como, foram realizadas aulas de pintura em tecido, onde as monitoras são duas voluntárias da comunidade, uma é mãe de aluno e a outra mãe de ex-alunos da escola. Uma atividade de grande importância deste projeto é a participação dos alunos no processo de gestão da Cooperativa, pois existe o acompanhamento dos custos de produção, registros em atas e livro caixa, prestação de contas, destinação e aplicação dos recursos.

O projeto “Meio Ambiente” tem como público-alvo alunos do 5º à 7º ano e 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, este projeto envolve os seguintes temas: alimentação saudável, saúde, atividades físicas cotidianas e cuidados com o lixo. Neste projeto foi desenvolvido durante todo o ano letivo atividades que permearam as disciplinas com os temas do projeto. Os trabalhos realizados nas disciplinas foram: jogos matemáticos confeccionados com material reciclável, estudo sobre a preservação do meio ambiente através da coleta seletiva do lixo, cartaz explicativo sobre a “descoberta” do corpo humano, maquetes e cartazes sobre processos históricos e geológicos, estudos que mostram questões como alimentação saudável e qualidade de vida no meio rural entre outros.

No final de cada ano letivo é realizada uma Mostra de Trabalhos Cooperativos que tem por objetivo, “apresentar as ações pedagógicas desenvolvidas na escola dentro dos projetos realizados onde se envolvem os valores de cooperação e cidadania”. Neste evento, é feita a socialização dos trabalhos realizados durante a execução dos projetos.

## 4.2 Direção e Professores

Com base nos questionários aplicados à direção e aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, foi possível identificar que todos são graduados e apenas três dos oito professores questionados não possuem pós-graduação, todos residem no município de São Sepé/RS e destes, três residem no Distrito de Tupanci, onde a escola está localizada. Os professores têm entre vinte e cinco e quarenta e sete anos de idade. O tempo de atuação na escola varia de cinco meses à quatorze anos. Este último, é um fato relevante, pois possibilitou se ter diferentes visões referentes ao Programa, desde antes da sua implementação até a opinião de profissionais que ingressaram na escola com o mesmo já implementado e sendo desenvolvido.

Ambos os grupos foram questionados sobre quais os benefícios diretos perceptíveis em sala de aula. O surgimento de uma maior cooperação entre os alunos, foi um dos benefícios mais comentados, bem como a ajuda mútua. Um dos professores entrevistados mencionou a importância do “fortalecimento ao espírito de liderança positivo e o uso do diálogo e regras de convivência para resolver as questões e/ ou problemas que surgem”. Outra colocação importante por parte de um professor foi que “os alunos estão mais solidários e cooperativos, usam material coletivo, uns ajudam os outros em todas as tarefas”.

Com o exposto pelos professores da escola, pode-se fazer uma relação com a citação de Brotto (2012) que “através da Cooperação no dia a dia da sala de aula, podemos transformar a nossa prática pedagógica e criar um ambiente de mútua ajuda, respeito pelas diferenças e responsabilidade compartilhada”. Assim como a fala dos mesmos, remete o pensamento aos dizeres de Freire (2011) de que o diálogo é o encontro entre sujeitos com o intuito de refletirem sobre a realidade, para que assim o conhecimento seja construído, pois na visão do autor, não existe certo ou errado, apenas saberes diferentes, que através do diálogo auxiliam em conflitos existentes entre os sujeitos.

Para esse mesmo questionamento, houve uma resposta que diz que, através dos projetos, os alunos se sentem mais valorizados, o que melhora o rendimento em sala de aula e também o comportamento dos alunos, que a partir dos projetos pedem por trabalhos diferenciados para sua melhor aprendizagem.

Os professores que participaram da implementação do Programa na escola foram questionados sobre a sua percepção da escola antes e depois do Programa. Nas respostas, foi

mencionada que após o Programa houve uma melhora na convivência da escola com a comunidade, hoje são realizados mutirões na escola com o auxílio da comunidade e campanhas para o auxílio de alunos mais necessitados, campanhas essas promovidas pelos próprios alunos.

As colocações dos professores sobre a questão referida acima, remetem a percepção Freireana de empoderamento, pois fica evidenciado perante a visão dos professores as características dessa percepção, o autor coloca a importância do entendimento do sujeito sobre a realidade onde o mesmo vive, para que através da relação dialética homem-mundo veja o mundo de forma crítica e tenha relação com a transformação da sociedade. Neste sentido, a própria Coleção de Educação Cooperativa (2008) diz que é necessário que incentivem a cooperação, o diálogo e o comportamento solidário, que envolva a comunidade e proporcione a formação de consciência coletiva democrática.

Ainda sobre o mesmo questionamento, um professor coloca que antes do Programa as ações eram realizadas isoladamente e que hoje os professores trabalham em grupo, o que facilita na aceitação de limitações e também favorece as contribuições de cada um para a construção do planejamento das ações do dia a dia. Outro professor afirma que “antes da implementação do PUFV: cada professor realizava seu planejamento individual, sem considerar também o desenvolvimento de cada aluno, sem um “olhar especial às diferentes potencialidade dos alunos” ”. Outro ainda colocou que “antes a escola não era reconhecida no seu fazer pedagógico e não tinha oportunidade de mostrar seu trabalho fora do município, nem mesmo para outras escolas rurais, hoje existem encontros e troca de experiências que vem a somar no nosso trabalho” .

Com a explanação dos professores sobre a forma de atuação dos mesmos após o início do Programa na escola, fica clara a presença de uma metodologia diferenciada, onde o coletivo é importante, onde o planejar das ações é feito em conjunto, uma metodologia onde há um olhar diferenciado para os alunos, que se entendem as diferentes formas de aprender e de ensinar, respeitando as diferenças individuais e os limites de cada um. Fica evidente a presença de uma educação baseada em uma metodologia onde o saber cooperar é a base, onde o educador entende a necessidade de verdadeiramente conhecer a realidade vivida.

Na visão da direção, que participou da implementação do Programa, as barreiras encontradas no momento da implementação, foram a resistência por parte de alguns professores, que resistiram em mudar as práticas antigas de sala de aula, por uma nova forma

de realização das mesmas e que nos alunos não existiu resistência, mas sim uma falta de hábito de trabalhar em equipe.

Os professores que não participaram da implementação do Programa, foram questionados sobre suas impressões a respeito dessa metodologia diferenciada ao entrarem na escola. Foram apenas três professores que não participaram da implementação do Programa, estes afirmaram que o mesmo auxilia no aprimoramento e desenvolvimento da metodologia utilizada em sala de aula. Um dos professores ressaltou a importância da existência de projetos, pois é através deles que são proporcionadas novas formas de conhecimento para os alunos, bem como os incentiva ao empreendedorismo.

Ao analisar a resposta dos professores que ao adentrarem a escola o Programa já estava em funcionamento, percebe-se claramente que a metodologia do Programa chama a atenção dos mesmos no sentido de ser algo que aprimora o processo de ensino-aprendizagem, pois através dos projetos que acontecem na escola o professor consegue realizar o papel de mediador desse processo, segundo a Equipe Educação e Comunidade do CENPEC (2003) é papel do educador criar oportunidades e estratégias para a construção da aprendizagem de forma segura e com a participação de todos.

Tanto a direção quanto os professores foram questionados sobre a importância do Programa A União Faz a Vida para a Escola João Pessoa. A maioria dos professores enfatizaram a contribuição financeira vinda do Programa para as atividades pedagógicas, que talvez sem o Programa não seria possível. Foi mencionada também a importância da metodologia diferenciada do Programa, pois é através dela que ocorre uma maior integração entre todos os profissionais da escola e também com os membros da comunidade, metodologia esta que proporciona mudanças de atitudes por parte dos alunos, mostrando maior compreensão e tolerância com os colegas.

Aqui, pode-se perceber de modo claro a importância das parcerias para a existência e funcionamento do Programa nas escolas, pois é através delas que o auxílio financeiro para a realização dos projetos é dado, no caso desta escola, é através da intercooperação do Sicredi com a Cotrisel que o Programa é plenamente desenvolvido. A relação de parceria não é percebida somente entre o Gestor e o Parceiro do Programa, pode ser notada entre os professores, entre os professores e comunidade, assim como em toda comunidade escolar, o que enfatiza a presença de uma metodologia de cooperação presente na escola, que no Programa tem como foco as crianças e adolescentes, mas que acaba por ser aceita e vivida por todos.

A respeito da importância do Programa para a Escola, um professor disse que “o Programa nos auxilia no aprimoramento do trabalho pedagógico interdisciplinar, cooperativo, que possibilita o desenvolvimento integral dos alunos, partindo e considerando a especificidade de cada um”. Outro professor disse ainda que “o Programa veio para nos auxiliar, e ser mais uma ferramenta na parte da metodologia, nossos alunos são a razão da nossa participação, pois acreditamos em seu potencial e com isso foi possível mudar nosso currículo, valorizamos sua bagagem cultural bem como o meio em que está inserido e possibilitamos com que possam intervir fazendo com que tenham um sonho e lutem por seus ideais”.

#### **4.3 Amigos e Funcionários**

A partir dos questionários aplicados aos Amigos e Funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, foi possível identificar que apenas dois dos onze questionados não possuem ensino médio completo, nove residem no município de São Sepé/RS, um em Formigueiro/RS e outro em Santa Maria/RS. Os que responderam o questionário, têm entre vinte e cinco e sessenta e cinco anos, o tempo de envolvimento com a escola varia de oito meses à quinze anos.

Dos onze questionados, três são funcionários da escola, cinco são motoristas, sendo que dois além desta função são voluntários em projetos da escola, três são pais de alunos e ex-alunos e voluntários de projetos da escola. E ainda, alguns são participantes do CPM – Círculo de Pais e Mestres da escola.

Com as características deste grupo já pode-se perceber que existe uma efetiva participação de membros da comunidade/ pais nas atividades da escola, existem atualmente projetos que são viabilizados através do voluntariado dos mesmos. Assim, remete-se o pensamento para Freinet que explica que a escola deve ser “[...] ativa, dinâmica, aberta ao encontro com a vida, participante e integrada à família e a comunidade [...]”.(OLIVEIRA, 2005, p. 6).

Na visão deste grupo o Programa A União Faz a Vida levou vida à Escola, os alunos aprenderam a viver melhor entre si, aprenderam também o significado teórico e prático da cooperação, assim como passaram a trabalhar em grupos e fortaleceram o companheirismo entre eles. Foi mencionado que os alunos aprenderam a trabalhar cooperando uns com os

outros, este fato é relevante na visão dos entrevistados por auxiliar na realização de tarefas que irão ajudar no crescimento pessoal dos alunos.

Assim como os professores, os funcionários e amigos da escola, enfatizam a questão da cooperação, dizem que através do Programa os alunos aprendem não só na teoria o que é a cooperação, mas principalmente na prática. Pelo exposto pode-se mencionar Albuquerque (2003) que fala sobre a importância da transmissão de valores, companheirismo, solidariedade, que se percebe através do auxílio que um aluno tem com o outro, o que para o grupo ajuda no crescimento pessoal dos alunos, o que lembra outros valores citados pelo autor como a transparência e a decência.

Um fato importante citado em um dos questionários, é a importância do Programa em uma Escola Rural, pois incentiva os alunos a entenderem o meio onde vivem, bem como os prepara para caso mudem do meio rural para o meio urbano, possam concorrer com alunos de escolas não rurais, pois com o Programa, os alunos aprendem a ser mais responsáveis socialmente e sujeitos cooperadores.

Relacionado aos professores, foi mencionado pelo grupo que estes através do Programa recebem uma melhor formação, o que possibilita uma melhora na qualidade do ensino. Já relacionado ao ambiente escolar, foi comentado o relacionamento harmonioso entre a direção, professores, motoristas, funcionários e alunos.

Como dito pelo grupo, o Programa tem uma grande importância no que se refere a formação complementar dos professores da escola. O Programa em suas fases de implementação, capacita os professores para o trabalho com a metodologia diferenciada, com foco na educação e em formato de projetos, bem como essas capacitações e formações são presentes na escola de acordo com a necessidade, isso resulta em uma melhor qualidade no ensino.

Por fim, um dos funcionários colocou que “através do Programa aprendemos a realizar tarefas juntos, ajudando assim a melhoria da convivência pessoal entre a equipe que forma a escola para todos”, e um dos motoristas disse que o Programa “é importante, porque envolve professores, funcionários, alunos, comunidade e direção a participar do desenvolvimento e dos problemas diários da escola”.

A questão da cooperação está presente em todos os ambientes da escola, assim como da comunidade escolar, com a presença do Programa na escola todos os envolvidos no dia a dia da escola aprenderam a viver em grupo, a dialogar, a viver e conviver uns com os outros.

É nesta perspectiva que Valadares (2009 apud SOUSA *et al.*, 2010, p. 205), diz que “a educação cooperativista é o processo e o método para formular e executar políticas de educação e comunicação ligadas à prática da cooperação. Tem como fundamento que este conceito não se limita, apenas, a pregar a doutrina e defender os princípios cooperativistas”, ou seja, a educação para a cooperação é algo muito maior, abrange todos os envolvidos no Programa.

#### **4.4 Alunos**

Ao todo foram aplicados vinte questionários em alunos de 5º, 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, esses são alunos participantes ativos da COOPERUNIÃO, bem como, alguns fazem parte da atual gestão e outros da gestão anterior.

A escola, por participar do Programa A União Faz a Vida, aderiu à metodologia de projetos. Estes projetos são elaborados, defendidos e desenvolvidos pelos alunos da escola com o intermédio dos professores e demais agentes do Programa, o tema dos projetos é escolhido pela relevância para a comunidade escolar, são realizadas expedições investigativas que auxiliam no processo de elaboração e conscientização para o desenvolvimento dos mesmos. No caso do ano de 2012 apenas o projeto “Hora do Conto” não atingia todos os alunos, pois era específico para alunos da alfabetização, já todos os outros embora o público-alvo não fosse toda a escola, beneficiavam a todos. O projeto “Meio Ambiente” era um projeto transdisciplinar, pois eram desenvolvidas atividades interligadas à ele, em todas as disciplinas curriculares.

Com o intuito de verificar se a metodologia diferenciada proposta pelo Programa, está presente nas diversas disciplinas componentes do currículo escolar, foi questionado aos alunos qual era a disciplina que eles mais gostavam.

Do total de alunos, seis disseram gostar mais da disciplina de história, cinco tem preferência por matemática, dois por português, três disseram preferir a PIA (Práticas Integradas à Agroecologia), um prefere geografia, um gosta mais de inglês e um tem preferência por educação física, um dos alunos disse que não tem preferência, diz gostar de todas.

Foi possível perceber que não há uma área ou disciplina específica preferida pelos alunos, isso pode ser explicado pela metodologia de projetos ser transdisciplinar e pela escola

adotar uma metodologia cooperativa, pois todos os alunos se sentem parte do grupo ao participarem da elaboração dos projetos e por terem o espírito de união. Com isso eles tem por hábito auxiliarem os colegas que tem mais dificuldade durante o processo de aprendizagem e por tratar-se de uma metodologia participativa os professores desenvolvem atividades adequadas para cada turma, respeitando limites e especificidades de cada aluno.

Pelo fato da existência de uma Cooperativa Escolar, a COOPERUNIÃO, ter alguns projetos vinculados à ela, foi questionado aos alunos, qual a atividade da Cooperativa que eles mais gostavam.

As respostas foram das mais variadas, os alunos citaram diversas das atividades, a atividade mais citada foi a pintura em tecido, atividade esta que é desenvolvida em conjunto com a disciplina da PIA, alguns alunos justificaram a escolha por ser uma atividade que auxilia a cooperarem. Os jogos matemáticos que são desenvolvidos através do projeto “Meio Ambiente”, foi outro extremamente comentado, os alunos dizem que através deste projeto é possível aprender brincando e que ao trocarem ideias aprendem também. O projeto “Informática” é outra atividade que chama a atenção dos alunos, bem como a fabricação de doces e conservas. As atividades desenvolvidas na horta e com o húmus foi a preferida por alguns alunos.

Levando em conta a transdisciplinaridade do Programa, e as atividades específicas da Cooperativa, questionou-se aos alunos o que para eles significa Cooperar, para que se entenda se na prática está sendo efetiva a formação com ênfase na cooperação e na cidadania.

Em suas respostas, quatorze alunos mencionam que Cooperar é “ajudar os outros”, o próximo, o companheiro. Dentre as respostas dos alunos observou-se que para eles Cooperar significa dialogar, ter responsabilidade, respeitar o próximo, ser solidário, ser amigo, é compreender os colegas, é ter educação, é saber dividir, é fazer as atividades propostas pelo professor, uma forma de união, cooperação é amor.

Um dos alunos que respondeu o questionário, exemplificou o que para ele é Cooperar, “Cooperar é fazer mais amizades, procurar dialogar coletivamente, fazer trabalhos, como o pinheiro de natal que cada um ajudou a fazer um pouquinho, trazendo garrafas pet, e várias colaborações”.

É perceptível o envolvimento dos alunos na metodologia proposta pelo Programa, com esta percepção fica evidenciado o que diz Frantz (2001, p. 243) que “[...] no processo da educação, podem-se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, podem-se

identificar práticas educativas". Ao analisar os resultados fica nítido que os alunos são sujeitos partícipes do seu processo de ensino-aprendizagem, pois participam de todas as etapas dos projetos e desenvolvem a partir daí uma consciência crítica relacionada as escolhas do porquê e como fazer as coisas. É como Freire (2011) coloca na obra "Pedagogia da Autonomia", que a partir da autonomia do educando é que se faz uma educação transformadora que desenvolve a consciência crítica dos mesmos, formando sujeitos conscientes de seu papel no mundo.

## CONCLUSÃO

Neste cenário, de um mundo globalizado onde se tem como base uma cultura individualista e competitiva, que estimula os indivíduos a busca incansável pelo sucesso sem levar em conta aspectos sociais importantes como: formar uma sociedade crítica e consciente sobre o seu papel no mundo, é que se torna indispensável agir através da educação de forma responsável para que se consiga formar sujeitos partícipes da sociedade.

Para que se consiga transformar a sociedade em um sociedade mais justa e igualitária, não há como não remeter os esforços para a educação, uma educação que se volte para a solidariedade, cooperação, cidadania, uma educação que se preocupe em promover autonomia nos seres humanos. Neste sentido a educação cooperativa torna-se um dos pilares para a transformação de um sujeito individualista em um sujeito cooperador e consciente de suas responsabilidades perante a sociedade.

O Programa A União Faz a Vida do Sicredi, que neste estudo foi analisado, parte dessas premissas para seu desenvolvimento, entende que educação e cooperação estão interligadas e que uma não existe sem a outra, que ambas são processos sociais e que na educação identificam-se práticas cooperativas, bem como se percebe educação em práticas cooperativas. (FRANTZ, 2001).

Ao analisar os resultados do estudo, foi perceptível a fidelidade dos resultados encontrados e práticas vivenciadas na escola relativos ao Programa A União Faz a Vida, foi notória a preocupação dos professores, funcionários/ amigos e alunos em vivenciar a

cooperação em todas as atividades escolares, dentro e fora da sala de aula, proporcionando uma educação integral. Outro ponto importante referente aos objetivos do Programa, está relacionado a preocupação da escola e dos alunos em relação à comunidade onde a escola está inserida, o que faz com que se perceba consciência crítica nos alunos, mostrando que estes tem pleno entendimento de seu papel no mundo.

Neste sentido, percebe-se que somente através da metodologia diferenciada do Programa, com atitudes de cooperação e da participação efetiva dos alunos e comunidade escolar em todos os projetos existentes na escola, foi possível uma transformação de valores, de comportamento e de mudanças positivas na realidade vivida na escola e comunidade. Diante disso tem-se a resposta da problemática do estudo, sim, é possível através da educação cooperativa construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania.

A partir da confirmação da fidelidade dos resultados e práticas do Programa A União Faz a Vida na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Pessoa, enfatiza-se a necessidade de que este tema seja tratado com seriedade e responsabilidade pelas cooperativas, pois é de suma importância educar para cooperar, principalmente aqueles que serão o futuro da sociedade e consequentemente do sistema cooperativo.

Nesta perspectiva Rodrigues (2008, p. 40) afirma que “uma das nossas tarefas mais importantes deve ser ensinar o amor coletivo à juventude para torná-los partícipes na construção de uma sociedade mais justa e equitativa e guardiões dos valores cooperativos”. Esse é, portanto, o grande desafio das cooperativas. Não defendem mais apenas seus cooperados, mas toda a sociedade. (RODRIGUES, 2008, p. 314).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Reflexões Sobre Contemporaneidade, Educação e Agir Cooperativo. **uniRcoop**, São Leopoldo, v.1, p. 19-32, 2003.

A UNIÃO FAZ A VIDA. Porto Alegre, 2012. Disponível em:  
<<http://www.auniaofazavida.com.br>>. Acesso em: 20 de jun. 2012.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Economia e gestão de organizações cooperativas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BROTTO, Fábio. **Pedagogia da Cooperação**. Disponível em:  
<<http://www.projetocooperacao.com.br/2009/04/14/a-pedagogia-da-cooperao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-vencer/>>. Acesso em: 26 dez. 2012.

COOPERUNIÃO, Cooperativa Escolar Plantando a União. **Estatuto**. São Sepé, 2007.

EQUIPE EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. A concepção de aprendizagem das ações complementares à escola. In: CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Muitos Lugares para Aprender**. Unicef , São Paulo, 2003.p. 74-80.

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 253 p.

FUNDAÇÃO, Sicredi. **Conhecendo o Programa A União Faz a Vida**. v.1. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2008.14 p. (Coleção de Educação Cooperativa).

\_\_\_\_\_. **Formando Educadores.** v.3. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2008. 34 p. (Coleção de Educação Cooperativa).

\_\_\_\_\_. **Vivenciando Trajetórias Cooperativas.** v.2. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2008. 138 p. (Coleção de Educação Cooperativa).

\_\_\_\_\_. **Guia para Gestores – Programa A União Faz a Vida.** S/D. 72 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

MUÑOZ, César. **Pedagogia da vida cotidiana e participação do cidadão.** São Paulo: Cortez, 2004. 112 p. (Guia da Escola Cidadã, v. 9)

OLIVEIRA, Magda Sarat. **Fundamentos filosóficos da educação infantil.** 21. ed. Maringá: EDUEM, 2005. 132 p.

PINHO, Diva Benevides. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro.** 18. ed. São Paulo: CNPq, 1982. 272 p. (Manual de Cooperativismo, v.1).

RODRIGUES, Auro Jesus. **Metodologia científica.** São Paulo: Avercamp, 2006.

RODRIGUES, Roberto. **Cooperativismo: Surfando a segunda onda.** São Paulo: [s.n.], 2008. 487 p.

SANTOS, Vanessa dos; NASCIMENTO, Márcia Rochane Valentim do. O diálogo como caminho para a produção cooperativa de aprendizagem. **Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”.** nº 1, jul 2005.

SCHNEIDER, José Odelho; HENDGES, Margot; SILVA, Antonio Cesar Machado da. **Educação e Capacitação Cooperativa:** Os desafios no seu desempenho. 1. ed. v. 1. São Leopoldo: Unisinos, 2010. 132 p.

SCHNEIDER, José Odelho; HENDGES, Margot. Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação. **ESAC – Economia Solidária e Ação Cooperativa.** Unisinos, v.1, p. 33-48, jul/dez 2006.

SICREDI, Sistema de Crédito Cooperativo. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.sicredi.com.br>>. Acesso em: 15 de jul. 2012.

SOUZA, Diego Neves de; PINHO, José Benedito ; AMODEO, Nora Beatriz Presno; MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira. A comunicação na transmissão da educação cooperativista. **Revista de Ciências Humanas**. Viçosa, v. 9, nº2, p. 204-215, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.